

PAULO CAMPOS: EDUCAÇÃO É O MELHOR REMÉDIO PARA FORTALECER O MERCADO DE CAPITAIS

RAZÃO



segmento

ANO 4 - Nº 46
FEVEREIRO 2008
R\$ 8,90



auditorias I

Vento a favor

POR ALUISIO ALVES



© Praxity

FEVEREIRO 2008

36 RAZÃO CONTÁBIL

PAULO CAMPOS: EDUCAÇÃO É O MELHOR REMÉDIO PARA FORTALECER O MERCADO DE CAPITAIS

RAZÃO



ANO 4 - Nº 46
FEVEREIRO 2008
R\$ 8,90



Animadas com a perspectiva de aumento da demanda este ano, firmas de auditoria estão importando especialistas e triplicando verbas para treinamento

NEM A AMEAÇA DE RE-
cessão nos EUA, da
queda dos preços das
commodities ou de
aumento da inflação doméstica abala-
lam a confiança das grandes firmas de
auditoria, que esperam comemorar
este ano uma das melhores safras de
resultados da sua história no Brasil.
Depois da tempestade de IPOs (ofer-
tas públicas iniciais de ações, na sigla
em inglês) nos últimos quatro anos,
agora seu faturamento deve ser turbi-
nado pela prestação de serviços para
cerca de 1,4 mil empresas que correm
para se enquadrar à nova realidade
contábil do País (*leia mais sobre as no-
vas regras na reportagem seguinte*).

Trabalho não vai faltar. As com-
panhias abertas já disputam a aten-
ção das poucas assessorias especia-
lizadas nas International Financial
Reporting Standards (IFRS), mo-
delo adotado por 107 países e que
será obrigatório a partir de 2010
para bancos e companhias listadas
na Bolsa de Valores de São Paulo
(Bovespa). Pesquisa realizada pela
consultoria RCS mostra que o Bra-
sil tem um auditor para cada 25
mil habitantes, médias dez vezes
menor do que a da Inglaterra (*veja
quadro*). Agora, a procura será in-
flacionada por um contingente for-
mado por cerca de 900 empresas
de capital fechado com faturamen-
to anual acima de R\$ 300 milhões
(ou patrimônio maior que R\$ 240
milhões), que a partir do final des-
te ano serão obrigadas a submeter

suas demonstrações financeiras à
revisão externa. Essa demanda
adicional, criada pela mesma Lei
11.638, pode multiplicar por três
o número atual de clientes das au-
ditorias, hoje formado majoritaria-
mente pelas quase 500 empresas
com ações em Bolsa.

As Big Four já estão se preparando desde 2004

A PricewaterhouseCoopers, a
maior firma de auditoria indepen-
dente do mundo, espera aumento
de 10% do seu faturamento, para
US\$ 300 milhões (no ano fiscal que
termina em junho) em decorrência
da nova lei contábil. Henrique Luz,
sócio-líder da área de expansão e
mercados da Price, informa que
somente nos primeiros 25 dias do
ano, cinco empresas de capital fe-
chado contrataram o serviço de au-
ditoria da Price em São Paulo. No
ano, outras 115 devem engordar a
carteira de clientes da auditoria,
prevê. Para ele, o aumento da de-
manda por parte das empresas de
capital aberto que já são clientes da
Price – e terão que converter seus
balanços às novas regras contábeis
– vai significar aumento de receita
apenas marginal. A maior parte,

LUZ, DA PRICE, espera
conquistar 120 novos
clientes em 2008



RAZÃO CONTÁBIL 37

PAULO CAMPOS: EDUCAÇÃO É O MELHOR REMÉDIO PARA FORTALECER O MERCADO DE CAPITAIS

RAZÃO

segmento
ANO 4 - Nº 46
FEVEREIRO 2008
R\$ 8,90



auditorias I

acredita, virá das companhias de capital fechado.

Mas Luz explica que neste universo de aproximadamente 900 novos potenciais clientes, cerca de 200 devem contratar aqui as filiais das auditorias contratadas pelas matrizes no exterior – e desse grupo, a Price já presta serviços para cerca de 70. Das outras 700, a maioria são empresas pequenas, pouco inclinadas a buscar uma firma de auditoria de grande porte como uma das Big Four – além da Price, fazem parte do grupo Deloitte, Ernst & Young e KPMG. “Mas há exceções”, avisa Luz. “As que têm visão de futuro e interesse em melhorar a governança corporativa devem nos procurar”, aposta. A Price criou um grupo multidisciplinar apenas para atender essa nova demanda. São 15 funcionários no comando da equipe, dando atendimento, desenvolvendo e apresentando propostas de trabalho.

A formação de equipes especializadas é preocupação comum a todas as auditorias – os investimentos incluem até a importação de profissionais e o envio de funcionários para treinamento no exterior. A KPMG, que em 2008 espera elevar em 30% as receitas com a área de auditoria no País (que ficou em R\$ 400 milhões no ano passado), trouxe o holandês Jamon Jubels exclusivamente para tocar uma equipe de 30 especialistas em IFRS. A filial brasileira da Ernst &



FACCO, DA DELOITTE: “Tivemos de complementar a formação dos funcionários”

EM FALTA	
País	Habitantes por auditor
Holanda	900
Inglaterra	1.300
Canadá	1.500
EUA	2.300
França	4.300
Alemanha	4.500
Chile	8.700
Argentina	13.200
Brasil	24.600

Fonte: RCS Brasil

Deloitte. A empresa fechou o ano fiscal encerrado em maio de 2006 com receita de R\$ 500 milhões, registrou aumento de 52% no faturamento no País em 2007 e prevê ainda mais trabalho para este ano.

Para a Price, o maior crescimento deve vir da área de consultoria. “Neste ano fiscal, que termina em junho, devemos crescer 30% – 10% em auditoria e 20% em consultoria”, diz. Para o ano fiscal de 2009, porém, Luz prevê crescimento ainda maior, na casa dos 50%. Ele explica por que: no ano que vem acaba o rodízio que começou em 2004 e tirou da Price a maioria dos clientes – até aquele ano, a auditoria tinha 53% do mercado, a

Padrão IFRS exige mais informações nos balanços

Young, por sua vez, trouxe o britânico Paul Sutcliffe para coordenar a empreitada. Além disso, triplicou, para 6% da receita, o volume de recursos investidos em formação de pessoal nos últimos dois anos.

A Terco Grant Thornton, que vem crescendo a uma taxa anual de 50% desde 2006, montou uma equipe de 20 pessoas para coordenar o time de especialistas na área de contabilidade e não descarta repetir o ritmo este ano, diz André Ferreira, sócio da área de auditoria. “Tivemos de complementar a formação dos profissionais”, revela Edimar Facco, sócio da

Deloitte vinha em segundo, seguida da Ernst & Young e da KPMG. De lá para cá, a Price investiu muito pesadamente no seu departamento de consultoria – principalmente em governança corporativa, fusões e aquisições, riscos de TI, terceirização de folha de pagamento e de contabilidade fiscal e gestão de riscos. Hoje a Price tem 1,8 mil clientes no Brasil, de todos os setores, portes e perfis, e 55% do seu faturamento vêm de consultoria, e 45% de auditoria.

Calcanhar de aquiles

Pesquisa realizada pela KPMG mostrou que 53% dos contadores no País não têm nenhum conhecimento

PAULO CAMPOS: EDUCAÇÃO É O MELHOR REMÉDIO PARA FORTALECER O MERCADO DE CAPITAIS

RAZÃO



ANO 4 - Nº 46
FEVEREIRO 2008
R\$ 6,90



VERSÃO LIGHT

Se o Brasil continuar seguindo a tendência global, o processo em marcha vai garantir trabalho farto para as firmas de auditoria por muitos anos. O de auditoria por muitos anos. O International Accounting Standards Board (IASB), espécie de conselho gestor internacional das IFRS, está coordenando testes com o uso dos "IFRS light" por empresas menores. Trata-se de um documento de 200 páginas, dez vezes menor do que o que rege o padrão para grandes corporações. Dez companhias nacionais com até 50 empregados cada farão parte desse projeto-piloto, sob coordenação do Instituto Brasileiro de Contabilidade (Ibracon). O Brasil segue os passos de nações como Austrália e África do Sul, que já aplicam o modelo para companhias com até 2 mil funcionários. O objetivo é que as empresas

menores se preparem gradualmente para que, quando crescerem e quiserem acessar o mercado de capitais ou realizarem operações no exterior, já estejam familiarizadas com o padrão contábil utilizado internacionalmente, o que facilitará a comparação de seus números com os de concorrentes em outros países. "O Brasil precisa definitivamente entender a cultura preventiva da auditoria, em vez de limitá-la ao apontamento de fraudes e à avaliação de gastos de campanha. Companhias com milhares de reais de faturamento, prestadoras de serviços ao poder público, congregações religiosas e instituições com freqüentes inserções publicitárias deveriam passar por auditoria preventiva obrigatória", comenta Julian Clemente, da divisão tributária da consultoria RCS.

tico exige apenas a aplicação de um fator de depreciação sobre o valor pago no início. "Isso pode provocar diferenças importantes no lucro e no patrimônio líquido das empresas", diz Eliseu Martins, professor da FEA/USP e da Fipecafi. "E todos os principais empregados terão de entender porque isso aconteceu."

E mais: como as métricas mudam, há impacto direto em assuntos como a remuneração de executivos e o orçamento para investimentos, o que exige o conhecimento do assunto por profissionais de diversas áreas, acredita Sergio Ricardo Romani, sócio da área de auditoria da Ernst & Young. "Todo esse processo pode levar até 18 meses", calcula. "O IFRS é um padrão muito minucioso, que exige um volume de informações até 50% maior do que elas apresentam hoje e que a maioria nem sabe como apurar", alerta Romani. Assuntos como contratos de aluguel, apresentação de desempenho operacional por setores e marcação a mercado de operações com derivativos são exemplos de itens de detalhamento obrigatório nas IFRS, o que não acontece no modelo contábil brasileiro, que data de 1976.

sobre IFRS. E boa parte deles também admite ter pouca familiaridade com o idioma inglês, conhecimento vital para implementação do modelo. Sem formação específica disponível sobre o assunto nas universidades, muitos têm recorrido a treinamentos in company patrocinados por seus empregadores, ou saído em busca dos ainda raros cursos sobre as IFRS. A falta de preparo é um problema que preocupa especialistas, pois as diferenças de conceito nos dois padrões de contabilidade não são nada desprezíveis. Veja um exemplo: para uma máquina comprada há alguns anos e que perdeu sua capacidade

produtiva, a referência em IFRS é o preço a ser auferido se ela fosse vendida hoje, enquanto o padrão doméstico

Empresas fechadas terão que se adequar

